

Mulher, Pampa e natureza: um olhar através de contos *puebleros*

Mujer, Pampa y la naturaleza: una mirada a través de cuentos puebleros

Woman, Pampa and nature: a look through pueblos tales

Bel. Juliana Corrêa Pereira Schlee ¹

Resumo

O presente trabalho é um estudo em andamento que se detém nos contos puebleros para deslocar o olhar sobre a mulher, o Pampa e a natureza. Assim, busco a Educação Ambiental, como campo de saber importante e potente para a análise de mundo que temos em seu processo de construção cultural moderno. Entendendo a literatura como pedagogia cultural para problematizar como nos constituímos mulher no Pampa e como nos relacionamos com o discurso de natureza. O Pampa para pensar além de um território geográfico, mas como um lugar que é constituído pelos diversos atravessamentos: biológicos, geográficos, culturais, econômicos, políticos. Modos de ver o mundo, viver e narrar a natureza. Fabricações histórica e socialmente constituídos em diferentes culturas e em diferentes épocas. É preciso pensar sobre as universalidades de ser mulher, assim como suas relações com a natureza e o pampa.

Palavras-Chave: gênero; natureza; pampa.

Resumen

Este trabajo es un estudio en curso que mantiene los cuentos puebleros para mover la mirada en la mujer, la Pampa y la naturaleza. Por lo tanto, busco la educación ambiental como un campo de conocimiento importante y poderosa para el análisis mundo que tenemos en su proceso de construcción cultural moderna. La comprensión de la literatura como la pedagogía cultural, para discutir cómo estamos constituidos mujer en Pampa y la forma en que nos relacionamos con el discurso de la naturaleza. Pampa de pensar más allá de un territorio geográfico, sino como un lugar que consta de varios pasos: biológicos, geográficos, culturales, económicos, políticos. Formas de ver el mundo, viven y narran la naturaleza. Fabricaciones históricas y socialmente constituidos en diferentes culturas y en diferentes momentos. Usted tiene que pensar en la universalidad de ser mujer, y su relación con la naturaleza y la pampa.

Palabras claves: el género; la naturaliza; la pampa.

Abstract

This work is an ongoing study that holds the puebleros tales to move the look on the woman, the Pampa and nature. Thus, I seek the Environmental Education as a field of knowledge important and powerful to the world analysis we have in its modern cultural construction process. Understanding literature as cultural pedagogy to discuss how we are constituted woman in Pampa and how we relate to the speech of nature. Pampa to think beyond a geographical territory, but as a place that consists of several crossings: biological, geographical, cultural, economic, political. Ways of seeing the world, live and narrate nature. historical fabrications and socially constituted in different cultures and at different times. You have to think about the universality of being a woman, and their relationship with nature and the pampa.

Keywords: gender; nature; pampas.

¹ Bacharel e licenciada em Ciências Biológicas; Grupo Ecológico Amantes da Natureza; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; julianaschlee@gmail.com.

1. A literatura como pedagogias culturais

O presente trabalho é um estudo em andamento que se detém na literatura, e nesse caso em contos puebleros², para deslocar olhar sobre a mulher, o Pampa e a natureza. Assim, busco a Educação Ambiental, como campo de saber importante e potente para a análise de mundo que temos em seu processo de construção cultural moderno. Estamos mergulhados em uma crise ambiental constituída a partir de um modelo cultural eurocêntrico que muitas vezes atuam com autoritarismos e dominações. Através de uma perspectiva pós-estruturalista, problematizo algumas verdades e certezas assumidas por este modelo. Para pensar sobre mulher, pampa e natureza trago a inquietação de Nietzsche que nos provoca ao perguntar: *como nos tornamos aquilo que somos?*

Neste trabalho trago a literatura como expressão midiática da modernidade e que atuam como pedagogias culturais (GUIMARÃES, 2007). A literatura, como em outras artes (VIEIRA; HENNING, 2013) expressa características culturais, políticas e sociais de cada época. Aprendemos a ver o mundo a partir da cultura e de que se estabelecem na cultura as formas de compreensão e de interpretação do mundo que, ao serem colocadas em circulação, passam a ser muitas vezes aceitas em determinadas épocas e por diferentes grupos sociais (WORTMANN, 2010).

Nesse sentido, segundo Ribeiro et al (2004) as práticas culturais – pedagógicas - que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam as instituições escolar e acadêmica e às práticas aí instituídas, mas se estendem a diferentes práticas – as midiáticas, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. – que, ao produzir e compartilhar determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades.

2. Um olhar através de contos puebleros

Na literatura contista, como nos fala Aldyr Garcia Schlee (1988), contos que não chegam a ser campeiros ou criollos, enquanto gaúchos, mas que também não são propriamente urbanos; como fazem os uruguaiois, prefere chamá-los de cuentos puebleros; de pueblos, em geral de pueblos pobres. Esta literatura, entendida como pedagogia cultural, nos

² Os contos utilizados na pesquisa é uma literatura pampiana, que explico mais adiante no texto.

ensina e convoca a pensar como somos constituídas mulheres e como se estabelecem as relações socioambientais no Pampa.

O rancho era caiado de branco, estava sempre varrido em volta e enfeitado com roupas na corda. A irmã, mais para gorda, levantava, mateava, capinava, varria, lavava, cozinhava, comia, sesteava, acordava, lavava, varria, mateava, dormia. E cortava lenha, trazia água. Plantava. Colhia. Tinha seus pintos, uma galinha sura e a terneira guacha. Não se queixava. (SCHLEE, 2011, p. 15)

Verdina, entretanto, já havia se dirigido ao galpão, que também servia de cozinha. Era lá o lugar da peona, da mulher de todo o serviço, da negra escrava. Era lá que trabalhavam todo o dia, quando não estavam lavando roupa ou cortando lenha. Era lá que elas criavam suas filhas peonas e escravas como elas. Era lá que era o lugar delas. (SCHLEE, 1983, p.18)

Nos trabalhos literários, como nos exemplos acima, são apresentadas modos de ser mulher e estar no ambiente do Pampa. Nos contos de Schlee (2011, 1983) nos mostra a forma de relacionarmos neste espaço caracterizado culturalmente no social, político, econômico e ambiental. Nesses discursos vamos nos construindo e expressando verdades como fabricações desse próprio tempo.

Elas viviam ali, as duas, com os netos e sobrinhos; viviam ali mas o lugar não tinha nome. Ali não era nada; era só a casa no meio do campo e nem ficava perto de algo, de um coxilhão que fosse, ou de uma canhada ou sanga que se chamassem ao menos de Sanga Rasa ou Canhada Chica. O lugar não tinha nome: era só a casa, o haverio de poucos bichos em volta e, dentro, os trastes para dormir e para comer, e o chirimbolo de sempre, numa miséria de não se acreditar. (SCHLEE, 1988, p.72)

Ela vivera ali o seu mistério, sob a copa frondosa, no gosto das uvas, no cuidado do rancho, no regar das flores e na lida de todo dia. Deixara ali o seu mistério, na ausência de passos, nas peças vazias ocupadas pelo vento e as résteas de luz, e nas frinchas, e no ringir dos batentes. Desse mistério talvez fossem testemunhas o corujão e o ouriço-caicheiro que ninguém via no escuro daquelas solidões; ou o colorido garnizé que animara as manhãs esplendorosas ou o gato amarelo que ronronara feliz no portal de outros tempos perdidos na ruína e na desolação. (SCHLEE, 1983, p.69)

Como nos trechos acima e em outros contos busco as enunciações de natureza e cultura que constroem, constituem e compõem os ditos do contar da literatura e o narrar-se mulher no Pampa. Leandro Guimarães (2008) apresenta alguns modos pelos quais a natureza vem sendo historicamente significada na cultura:

É na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja sabendo quem nós nos tornamos dia a dia.

Antes de marcar o Pampa como um local, é preciso entendê-lo como território, enxergar as relações, na tentativa de analisar os modos como um lugar em estudo foi sendo

preenchido de pessoas, de histórias, de significados em um momento específico, em uma circunstância específica (GUIMARÃES, 2010).

O Pampa, conforme Suertegaray & Silva (2012) abrange regiões pastoris de planícies nos três países da América do Sul – cerca de dois terços do Estado do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entreríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai.

Não basta pensar o Pampa apenas como um espaço natural, de paisagem, vegetação e biodiversidades típicas, é preciso considerar a dimensão sociocultural. O gaúcho, habitante natural desta região, completamente integrado ao seu meio, com traços culturais que se manifestam em seus costumes, na culinária, na arquitetura, nas lidas campeiras, fazendo do Pampa uma verdadeira paisagem cultural (BENCKE, CHOMENKO e SANT’ANNA, 2016, p.19)

Como nos fala Schlee et al (2015) esse Pampa, para além de um território geográfico pode ser entendido como uma forma de ser, de viver. Constitui e é constituído por diversos atravessamentos culturais, geográficos, políticos, sociais, econômicos, biológicos... historicamente é um campo de saberes, lutas, disputas, chegadas e partidas.

Através da cultura somos interpelados por significados que se estabelecem diariamente na maneira como vemos a nós mesmos e aos outros, pelos nossos atos e até mesmo ao narrar acontecimentos, e como vão se estabelecendo as relações com o Pampa e a natureza. É Guattari (1995) quem nos ajuda a refletir, quando nos convida a reexaminarmos as territorialidades a partir de conjuntos que atravessam a relação entre o indivíduo e a subjetividade, trazendo-os como modos de viver padronizados.

Sabemos que há uma multiplicidade de formas de ver, ler, narrar e se relacionar com a natureza (GUIMARÃES, 2008), são histórica e socialmente construídos e variam de acordo com o tempo e dentro das culturas e por um período de tempo. Em permanente diálogo com os significados produzidos pelas gerações que nos antecederam através dos séculos, vivemos imersos em uma rede de sentidos culturais historicamente construídos: desde uma visão antropocêntrica, cunhada a partir do século XV, em que situa o homem como centro do universo, sendo a natureza como domínio do selvagem, do ameaçador e do esteticamente desagradável estabeleceu-se sobre a crença de que o progresso humano era medido por sua capacidade de dominar e submeter o mundo natural; assim como, no século XVIII que se inicia uma mudança importante na percepção da natureza, chamado este fenômeno de “novas sensibilidades”, que se orientavam para a valorização das paisagens naturais, consideradas parte das raízes do interesse contemporâneo pela natureza (CARVALHO, 2012). Assim

somos herdeiros (as) diretos de experiências que marcaram as relações humanas com o Pampa.

Para Garcia (1992) a dicotomia natureza/cultura não é universal e não há uniformidade no significado de natureza, cultura, masculino, feminino; portanto os significados e noções diferem entre homens e mulheres, assim como entre homens e entre mulheres. Para Ávila et al. (2016), além da desconstrução da categoria mulher, atualmente é problematizada a relação das mulheres com a natureza e o meio ambiente. Se a categoria ‘mulheres’ não pode ser considerada universalizante, tampouco podem suas relações. Nesse contexto, mulheres e meio ambiente não podem ser naturalizados e homogeneizados. É preciso desconstruir um discurso universalizante que unifica as relações de diferentes grupos sociais com o ambiente.

É Garcia (1992) que nos fala que muitas vezes as mulheres são vistas como tendo mãos que curam que nutrem e cuidam do meio ambiente, como no conto Constantina de Aldyr Garcia Schlee (2009):

Sia Constantina era parteira e despenadeira. Tanto botava algumas criaturas no mundo dos vivos, ajudando-as a nascer; como botava outras no mundo dos mortos, ajudando-as a morrer. Mas ela se dizia antes de tudo e ante qualquer coisa, curandeira – capaz de fazer como que milagres, tirando dores por encanto e curando males sem explicação. (SCHLEE, 2009,p.149)

Dentro do debate da educação ambiental porque examinar a questão de gênero e natureza? Qual a relação entre a mulher e a natureza? Isto se faz diferente da relação homem/natureza? Questões que Garcia (1992) traz e que me faz pensar nos modos como nos constituímos mulher no Pampa.

E então pegou a chorar mesmo, por isso, por que a morta estava igualzinha e, contudo, não era mais a María Del Carmen dos ninhos de passarinho, das flores do campo, dos ovos de quero-quero. (ESPÍNDOLA, 1990, p. 54)

No conto Maria Del Carmen, a menina dos ovos e ninhos de passarinhos, das flores do campo rompe com a delicadeza, com a perfeição e a pureza, após suicidar-se no poço. Através de alguns contos literários, algo nos sugere que há alguma coisa fundamental ou inata na relação mulher/natureza, uma forma de essencialismo (noção de uma essência feminina imutável e irreduzível). E ainda Vargas-Monroy; Pujal i Llombart (2013) nos alerta, que a retórica acerca da natureza das mulheres seria um elemento especialmente relevante para a condução de sua conduta e para a produção de corpos e subjetividades femininas “adequadas”.

A partir de uma análise enunciativa, Marcello (2009), mostra como o dispositivo da maternidade – que teve seu surgimento a partir de condições de possibilidade específicas e datadas do final do século XVII –, está voltado para a produção de uma experiência materna. E ainda nos fala que a partir da diferenciação sexual entre homens e mulheres, fez-se possível a inserção política e social desiguais, funções marcadas pelo determinismo natural dos corpos, e assim delineadas as finalidades de homens e mulheres no âmbito econômico, político e cultural.

La mujer se encargó de las labores domésticas y del campo; además, engendraba hijos. El hombre era el que vivía afuera. No pertenecía al hogar sino de noche, cuando iba a cargarla de hijos. Mujer y hombre vivieron en estado de divorcio llevando, por vergüenza, una vida que los avergonzaba. Ser cariñoso, trabajar para la prole, cuidar del honor, eran cualidades negativas. Y en cambio el prestigio, la hombría, la paternidad, estaban en ser reacios, insensibles, nocturnos. Se deprimían los valores positivos y, en compensación hidráulica, se enaltecían los contrarios. Mujeres y hombres nacieron en esos hogares, en el campo o en la ciudad, con los consiguientes matices diferenciales en lo externo; se criaron en ellos, en ellos se multiplicaron y de nuevo aparecieron en los nietos otra vez. (ESTRADA, 1933, p. 16)

A história do Pampa é marcada pela figura enaltecida do gaúcho, mas é Estrada (IBIDEM) quem trás as diferenças, as amarguras, e a rusticidade de se viver no Pampa, e de ser mulher no Pampa.

Neste universo literário de contos puebleros há muitos personagens femininos como Verdina, Constantina, Tamara, María Del Carmen, Maninha citados neste texto, que nos mostram modos de ser mulher no Pampa e como nos relacionamos no social, no econômico, no político e no ambiental.

3. Algumas considerações

Para além do antropocentrismo em que o homem assume uma posição de superioridade diante da natureza, o modo como olhamos, interagimos e protegemos a natureza é produzido com base numa visão historicamente desenvolvida. Quais verdades vão tomando como legítimas nessa construção histórica? Como essa forma de ser e estar gaúcho que vai se atualizando no tempo, percebe e constrói um discurso de natureza? Através das enunciações literárias me faz pensar e problematizar como nos constituímos mulher no pampa gaúcho? E fica a pergunta como o discurso de natureza se relaciona com a mulher pampiana na atualidade?

Para finalizar, é importante pensar a literatura e outras pedagogias culturais como ferramentas potentes que atravessam o campo da Educação Ambiental, entendendo que nosso

campo de saber pode ser um instrumento para compreender os modos como vemos e narramos a mulher, o Pampa e a natureza, e indagar como os mesmos foram transformando-se na atualidade e potencializando o pensar sobre quem somos, como mulher, como natureza e como pampa.

Referências bibliográficas

ÁVILA, D. A. et al. “O Gênero é fundamental para o desenvolvimento sustentável”: reflexões sobre a operação de dispositivos em programas globais e seus efeitos para a Educação Ambiental. Rio Grande: **REMEA**, Ed. Especial, p.95-119, julho/2016. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/viewFile/5962/3685> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

BENCKE, G. A.; CHOMENKO, L. & SANT’ANNA, D. M. O que é o Pampa? In: CHOMENKO, L.; BENCKE, G. A. **Nosso Pampa Desconhecido**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 2016. p.16-27

CARVALHO, I.C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 6ªed., 256p., 2012.

ESPÍNDOLA, F. María Del Carmen. SCHLEE, A.G; FARACO, S. (Org. e tradução). **Para Sempre Uruguai**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, p. 53-63, 1990.

ESTRADA, Ezequiel M. **Radiografía de la Pampa**. Editora Losada. SA. Buenos Aires. 1933.

GARCIA. S.M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v.0,n.0, p.163-68,1992. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38126508015.pdf> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Papyrus, Campinas/SP, 1995.

GUIMARÃES, L. B. Pesquisas em EA: olhares atentos à cultura. WORTMANN, M.L.; DOS SANTOS. L.H.S.; RIPOLL, D.; SOUZA, N.G.S. e KINDEL, E.A.I. (org). **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instância se práticas contemporâneas**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007. p. 237-246.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ.** UFG, v. 33, n.1, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/4244/4174> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

GUIMARÃES, L. B. A invenção de dispositivos pedagógicos sobre o ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v.5,n.1, p.11-26, jan. 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30083/31970> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

MARCELLO, F. A. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, p. 226-241, 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss2articles/marcello.pdf> Acesso em: 07 de outubro de 2016.

RIBEIRO, P.R.C. et al. Sexualidade na sala de aula: pedagogias escolares de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p109-129, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100006/7945> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

SCHLEE, A. G. **Contos de Sempre**. São Paulo: LR Editores Ltda. 149 p. 1983.

_____, A. G. **Linha Divisória**. Porto Alegre: Melhoramentos. 104p. 1988.

_____, A. G. **Os limites do impossível: contos gardelianos**. Porto Alegre: ARdoTempo, 204 p. 2009.

_____, A. G. **Contos de Verdades**. Porto Alegre. ARdoTempo, 224 p. 2011.

SCHLEE, R. L. et.al. A construção de um discurso de Natureza no Pampa e sua problematização sob as lentes da Educação Ambiental. In: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, 7, 2015, Rio Grande: **Anais...**Rio Grande: FURG, p.188-197. 2015. Disponível em: http://www.educacaoambiental.furg.br/images/stories/fruit/ANAIS_EDEA_FINAL.pdf Acesso em: 05 de setembro de 2016.

SUERTEGARAY. M.A. & SILVA, L.A. PIRES DA. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. **Campos Sulinos – conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Valério de Patta Pillar...(et al.)Editores – Brasília: MMA, p. 42-59, 2009. Disponível em: file:///D:/Users/User/Downloads/campos%20sulinos_completo.pdf Acesso em: 05 de setembro de 2016.

VARGAS-MONROY, L.; PUJAL I LLOMBART, M. Governamentalidad, dispositivos de gênero, raza y trabajo: La conducción de La conducta de las mujeres trabajadoras. **Universitas Psychologica**, Colombia, v.12,n.4,1255-1267. Doi: 10.11144/Javeriana. UPSY12-4.gdgt. Disponível em: <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/viewFile/6501/5927> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

VIEIRA, V.T.; HENNING, P. C. A crise ambiental em evidência: análise do discurso foucaultiano – modos de fazer pesquisa em educação. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.22,n.40, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/764/537> Acesso em: 05 de setembro de 2016.

WORTMANN, M. L. C. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada (Org.). Contribuições à Educação Ambiental. **II Encontro e Diálogos com Educação Ambiental** FURG. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-38.